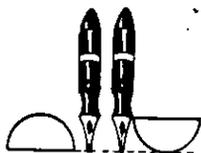


Constituinte aguarda o que Sarney fará

"A crise é Sarney", decretou, anteontem, o deputado Ulysses Guimarães ao tomar conhecimento da reação do PFL à



indicação de Carlos Wilson Campos, vice-governador de Pernambuco, para a superintendência da Sudene. Emérito frasista, que certa vez comparou o então presidente Ernesto Geisel ao ditador de Uganda, Ulysses não foi original dessa vez. Repetiu uma sentença cunhada pelo líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, de larga aceitação entre políticos de todos os matizes.

O que o senador costuma dizer sob proteção do sigilo, foi dito ontem em gabinetes e corredores da Câmara dos Deputados e do Senado, a poucas horas do início da votação do anteprojeto de Constituição do deputado Bernardo Cabral pela Comissão de Sistematização da Constituinte. "A Aliança Democrática acabou com as eleições de novembro do ano passado e só o presidente não quis entender isso", confidenciou o deputado Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara.

Mais comedido, o senador José Richa (PMDB-PR) segredou a um amigo:

Irritação antiga

No início do ano, quando Sarney ensaiou fazer a reforma ministerial ampla que acabou não fazendo, Jorge Bornhausen foi o único ministro que não escondeu sua disposição de largar o cargo, retornando ao Senado. Amigo e fiel aliado de Sarney, não conseguiu disfarçar, nos últimos meses, sua irritação com o estilo hesitante e pouco afirmativo do presidente. Há duas semanas, combinou com Sarney uma manobra contra o parlamentarismo que levaria o PFL a declarar-se a favor do parlamentarismo puro para, ao cabo, alcançar a manutenção do presidencialismo. Sarney fez o contrário.

O desabafo de Sarney

Melhorou muito, nas últimas 48 horas, o humor do presidente do PMDB. "Ulysses está feliz com a briga do PFL de Marco Maciel com Sarney", confidenciou um amigo que esteve ontem com ele. O humor do presidente da República estava péssimo antes mesmo da eclosão da crise. "A Constituinte trabalha contra mim, para reduzir meus poderes e meu mandato", repete Sarney, ultimamente. O presidente vinha tenso, irritado e deprimido, chegava a se emocionar com facilidade. Os amigos atribuíam seu estado depressivo aos efeitos dos calmantes que tem tomado. O estado geral deve ter piorado.

"O Sarney cometeu mais uma bobagem". O raciocínio de Richa, de resto, compartilhado por políticos à direita e à esquerda, é de que Sarney escolheu a pior hora possível para decidir o preenchimento de um cargo que, fatalmente, acirraria os conflitos entre o PMDB e o PFL. A superintendência da Sudene estava vaga há mais de 30 dias e, há pelo menos 25, Carlos Wilson fora indicado pelos governadores do PMDB no Nordeste para ocupá-la.

Se esperar tanto tempo para fazê-lo, por que Sarney não poderia esperar mais um pouco? Por que fazê-lo justamente na hora em que a Constituinte entra na etapa decisiva da votação do anteprojeto de Cabral? No âmbito da Comissão de Sistematização, onde o parlamentarismo que Sarney não quer acabar sendo aprovado, o governo ainda poderia reunir um número expressivo de votos para exigir, no mínimo, o parlamentarismo gradual que já admite negociar.

Negociará, agora, menos ou mais forte depois da crise que irrompeu no PFL ou na parte do PFL comandada pelo senador Marco Maciel? Anteontem à noite, por telefone, o ministro Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, propôs ao senador José Richa (PMDB-PR) a adoção, de vez, do parlamentarismo a partir de novembro de 1989. No próximo ano, Sarney conservaria os poderes de chefe de Estado e de chefe do Governo, nomeando um primeiro-ministro que não poderia ser derrubado pela Câmara.

Richa propôs o parlamentarismo puro a partir de março de 1989 e garantiu que contaria, para isso, com a

esmagadora maioria dos votos do PMDB. Depois que o PFL foi a Sarney, anunciou a liquidação da Aliança Democrática e conservou o direito de, mais tarde, avançar ou não para o rompimento com o governo, a iniciativa está, agora, com o presidente da República. Sarney poderá, simplesmente, preencher a vaga aberta em seu ministério e tentar fingir que nada de sério ocorreu ontem.

Fracassou seu primeiro lance: na quarta-feira à noite, o senador Marco Maciel recusou indicar um nome para a presidência da Caixa Econômica que foi oferecida por Sarney ao PFL através do ministro Antônio Carlos Magalhães. "Não aceito. Isso diminuiria a mim e a meus amigos", endureceu o geralmente cordato Maciel. Se, finalmente, reunir coragem para tanto, o presidente poderá aproveitar o momento para reformar, mais amplamente, seu ministério e tentar, depois disso, fortalecer-se dentro da Constituinte.

Foi o que Maciel e o ministro Aureliano Chaves sugeriram ontem à Sarney em audiência no Palácio do Planalto. O perfil do presidente e sua performance no cargo não aconselham ninguém a apostar que ele venha a trilhar o caminho apontado por Maciel e Aureliano. A crise pode ser Sarney; como querem Fernando Henrique Cardoso e, agora, Ulysses, e ela se expressa pela ausência de governo. "É uma crise de ingovernabilidade", prefere o deputado Domingos Leonelli (PMDB-BA).

O desfecho do processo constituinte está, cada vez mais, sujeito ao que acontece para além das paredes do Congresso.

Ganha quem sabe sair

Ultimamente, quem saiu do governo ficou bem. Dante de Oliveira entrou como nome de uma emenda à Constituição e saiu como quem desejava quatro anos de mandato para Sarney. Dilson Funaro entrou sem entender de economia e, embora não tenha conseguido aprender enquanto foi ministro, saiu como se tivesse sido vítima do FMI e dos banqueiros. Joaquim Francisco entrou como pupilo de Marco Maciel e saiu como opositor do estilo morno, quase parando, do presidente de governar. Jorge Bornhausen entrou como amigo de Sarney — saiu como parlamentarista contrariado.

O conciliador radical

Quem priva da intimidade do senador Marco Maciel conhece os imperceptíveis sinais que ele emite quando está nervoso. Nessas ocasiões, Maciel costuma estalar os dedos ou morder o dedo indicador da mão direita. Quando o nervosismo alcança seu mais alto grau, o que só raramente acontece, as reações de Maciel podem ser imprevisíveis. Foi o que aconteceu ontem. Depois de anunciar o rompimento da Aliança Democrática, Maciel voou para o apartamento de Jorge Bornhausen e, de tão nervoso, esqueceu o elevador e atingiu o sexto andar pela escada. Chegou esbaforido lá em cima.

PINGA-FOGO

■ Do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP): "Tem razão o senador Rui Bacellar. O melhor seria zerarmos o jogo com a realização de eleições gerais 120 dias depois de promulgada a nova Constituição".

■ "O ministro João Alves entregou o cargo", anunciou às 15h de ontem em seu gabinete o senador José Richa. "Meu cargo não pertence ao PFL mas ao presidente", desculpou-se Alves no fim da tarde. E ficou.

■ O ministro Antônio Carlos Magalhães começou no governo como ministro do presidente Tancredo Neves. Ingressou, mais tarde, na cota do PFL. Permanece, agora, como ministro de Sarney.

■ Do deputado Alcení Guerra (PFL-PR): "Com Sarney como aliado, o parlamentarismo será aprovado por unanimidade".

■ No auge da crise, a bancada federal do PFL reuniu-se para deliberar sobre a posição que tomaria. Entre pouco mais de 20 deputados, foi difícil catar meia dúzia disposta ao rompimento com o governo.

■ O "Radical de Araxá" não acreditou na renúncia coletiva dos ministros do PFL. "Veja o Aureliano: não sabe viver sem um chefe de gabinete desde 1963, quando virou secretário do governador Magalhães Pinto".

Ricardo Noblat